

MÉTODO, PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E ONTOLOGIA DO SER SOCIAL: Vygotski e Lukács e a leitura onto-histórica da subjetividade

METHOD, HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY AND ONTOLOGY OF SOCIAL BEING: Vygotski and Lukács and the onto-historical reading of subjectivity

Vanessa Furtado¹
Paulo Wesley Maia Pinheiro²

Resumo

O presente artigo visa discutir a centralidade do método materialista histórico e dialético na Psicologia vygotskiana, trazendo contribuições para a construção de uma Psicologia de base marxista, à luz da Ontologia do Ser Social, a partir do referencial teórico de Lukács. Compreendemos que o diálogo entre Vygotski e Lukács pode aclarar questões na Psicologia Histórico Cultural no que se refere ao método e aos procedimentos metodológicos desenvolvidos por Vygotski. A teoria vygotskiana, sob uma leitura da Ontologia do Ser Social, transcende o campo das aparências, buscando as determinações entre universalidade, particularidade e singularidade, compreendendo o sujeito numa perspectiva de totalidade, indo à essência do que nos faz seres humanas (os), numa leitura onto-histórica da subjetividade.

Palavras-chave: Método, Psicologia Histórico-Cultural, Ontologia do Ser Social

¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008) e Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2013) com Bolsa CNPq. Tem Experiência Profissional e de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências Humanas e Sociais e da Saúde atuando nos seguintes campos: Psicologia Social, Psicologia Histórico-Cultural, Psicanálise, Educação, Saúde Coletiva, Saúde Mental, Imaginação e Criação, Redução de Danos, Direitos Humanos, Políticas Públicas e Movimentos Sociais ancorado em referenciais teóricos de Cornelius Castoriadis, Luckacs e Vygotsky. Atualmente é Professora Assistente A do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), mãe de uma filha tendo período de licença-maternidade entre 05/10/2017 e 05/04/2018; Coordenadora do Projeto de Pesquisa "Fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural para Práxis em Saúde Mental"; Coordenadora Regional da Associação Brasileira de Saúde Mental - ABRASME (2018-2020); Conselheira Titular do Conselho Regional de Psicologia 18ª Região, ocupando cargo de 1ª secretária na diretoria do CRP-18 (2019-2022).

² Professor do magistério superior do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Mato Grosso. Tem experiência na área de Serviço Social, atuando principalmente nos seguintes temas: trabalho, opressões e ontologia do ser social; educação popular e arteeducação; política social e saúde mental; religião, avanço do neoconservadorismo e formação profissional. Possui graduação em Serviço Social (2011) e mestrado em Serviço Social, Trabalho e Questão Social (2013) pela Universidade Estadual do Ceará. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Política Social da UnB (DF).

Abstract

This paper intends to discuss the centrality of the historical and dialectical materialist method in Vygotskian Psychology, providing contributions to the construction of a Marxist-based Psychology, in the light of the Ontology of Social Being, from Lukács's theoretical framework. We understand that the dialogue between Vygotsky and Lukács can clarify questions in Cultural Historical Psychology regarding the method and methodological procedures developed by Vygotsky. The Vygotskian theory, under a reading of the Ontology of Social Being, transcends the field of appearance, looking for the determinations between universality, particularity and singularity, understanding the subject in a perspective of totality, going to the essence of what makes us beings humans, in a reading on -history of subjectivity.

Keywords: Method, Historical-Cultural Psychology, Ontology of Social Being

INTRODUÇÃO

A entrada da obra de Vygotski no Brasil é marcada por uma séria distorção dos fundamentos de seu trabalho. Tanto o apagamento do fundamento teórico-metodológico marxista quanto os equívocos de tradução contribuíram para que a obra vigotskiana fosse “fatiada” pela academia e se enquadrasse no modelo de ciência burguesa.

Um exemplo deste fatiamento da obra é que, do vasto arcabouço teórico desenvolvido por Vygotski sobre a Psicologia, o que até hoje aprende-se nos cursos de Psicologia no Brasil é o Vygotski teórico do desenvolvimento e da aprendizagem, isto é, um autor restrito à área da Psicologia da Educação.

Esse processo desloca uma das mais importantes contribuições do autor no campo da Psicologia: sua busca e defesa de uma Ciência Psicológica Geral a partir da unidade psicológica da formação da consciência — ou melhor, a “consciência” como o objeto da ciência geral psicológica.

No arcabouço teórico que visa apresentar as determinações da crítica radical presente na teoria vigotskiana, o desvendamento de sua rigorosa identidade com o materialismo histórico e dialético é fundamental. Para uma síntese rigorosa de seu método, o debate precisa superar questões epistemológicas e evidenciar a psicologia histórico-cultural de Vygotsky com princípios de uma dimensão ontológica.

Por isso, é central dialogar com as reflexões de György Lukács, filósofo húngaro que constituiu profunda obra dentro da tradição marxista, assim como Vygotski, desenvolvendo sua trajetória intelectual prioritariamente dentro da URSS. Entre seus escritos, acumulando maturidade teórica, Lukács aprofundou os estudos sobre a ontologia do ser social, sendo responsável por esmiuçar os fundamentos marxianos do trabalho como categoria fundante.

Este artigo, portanto, visa adentrar no necessário debate sobre as questões de fundamento da obra vygotkiana, a fim de contribuir com as reflexões na área e desvelar questões que ainda se fazem presentes, mas que, na nossa compreensão, são capazes de serem dirimidos se analisados a partir da perspectiva marxiana e, principalmente, à luz da ontologia do ser social lukacsiana.

Dito isso, nossa tarefa será discutir em primeiro lugar a questão do Método Materialista Histórico e Dialético na obra de Vygotski, demonstrando como o processo metodológico desenvolvido por Vygotski para estudo das funções psicológicas superiores — denominado por ele de genético-experimental — está radicado no método marxiano.

O DEBATE TEÓRICO SOBRE O MARXISMO DE VYGOTSKI: UM PANORAMA POTENTE PARA UMA PSICOLOGIA ONTO-HISTÓRICA

A robusta contribuição teórica de Vygotski serviu de base para o que chamamos hegemonicamente de psicologia histórico-cultural, e sublinha décadas de prosseguimento de seus preceitos em todo o mundo. Pesquisadoras (es) criativas (os) e comprometidas (os) permanecem realizando estudos para a compreensão da construção subjetiva e a intervenção profissional crítica, indo de encontro às formas mais conservadoras e majoritárias do saber científico.

Em que pese essa substantiva empreitada, há diferenças e divergências no interior do debate em que, por vezes, perseveram as artimanhas da ciência burguesa, como a reprodução de uma compreensão metodológica manualesca ou das repartições temáticas e apelo ao foco em especialidades — modelo tão corriqueiro nas cátedras. Essa forma de compreensão acaba por empobrecer a potencialidade da obra do autor e dissolver seu fundamento radical.

Na direção contrária à essa tendência, o pensamento crítico que busca evidenciar as bases metodológicas centradas no materialismo histórico e dialético demonstra essa capacidade mais ampla, instigam novos estudos e corroboram com uma direção que implica rigor crítico diante das diversas correntes científicas da sociedade do capital.

Este tema vem sendo longamente debatido por autoras (res) vygotkianas (os) que buscam elucidar os equívocos interpretativos sofridos pela teoria em nosso país. É o caso, por exemplo, dos trabalhos de Newton Duarte (2000) e Silvana Tuleski (2000), os quais sublinham a ênfase que o próprio Vygotski dava ao método materialista histórico e dialético.

No texto “Para Ler Vygotski: Recuperando parte da Historicidade Perdida”, Tuleski aponta distorções sofridas pela obra, seja pela apropriação de traduções não fidedignas, seja por apropriação de parte da teoria, fatiando sua densa contribuição à Ciência Psicológica.

Outro trabalho que também visa responder as confusões causadas na compreensão da obra é a tese de doutorado de Zóia Prestes (2010), que aborda a questão das traduções equivocadas, bem como de traduções que, deliberadamente, retiraram parte importante da obra vygotskiana, justamente os referentes ao arcabouço teórico e metodológico de seu trabalho: o materialismo histórico e dialético.

Paes (2006) recupera conceitos utilizados pelo autor — como “psicologia dialética”, “materialismo psicológico” e “psicologia marxista” — para manifestar esse paralelo teórico distante de uma mera especialização temática do autor russo. Fittipaldi (2006), por sua vez, destaca as dimensões da dialética — por exemplo, “totalidade, contradição e superação” — como elementos centrais para o autor.

Já Romanelli (2011) coloca a crítica vygotskiana na vulgarização da dialética materialista, afirmando que os estudos particulares do autor são indissociáveis do seu fundamento teórico-metodológico, constituindo uma crítica de questões epistemológicas da psicologia hegemônica e sendo uma produção potente para novos estudos sobre a formação subjetiva.

Santa & Baroni (2014) asseveram a construção teórica da psicologia histórico-cultural vygotskiana com raízes marxistas e atentam para os aspectos políticos e sociais da direção teórica do autor afirmando que:

Vygotski não foi um teórico do marxismo, mas um pensador marxista. Essa sutil diferença representa um fator determinante dentro da sua configuração intelectual, na medida em que o pensamento marxista representava o substrato teórico sobre o qual Vygotski construiu a sua psicologia, mas não os limites aos quais ela estava circunscrita. O materialismo histórico-dialético, entendido como método mais coerente de leitura da realidade em seu desenvolvimento histórico, representou para Vygotski uma importante ferramenta na tarefa de estabelecer um modelo científico de estudo dos fenômenos psíquicos (p. 02).

Dessa forma, não é a tergiversação sobre Marx que faz um autor marxista, mas sim a coerência teórico-metodológica na apropriação das determinações do real, apreendendo as mediações necessárias para construção teórica a fim de compreensão e transformação radical da essência dos fenômenos estudados numa dada condição histórica.

Isto posto, a compreensão de método não é dissociada de uma dimensão ontológica, sendo este debate central para a elucidação do marxismo de Vygotski (e tudo que deriva dessa mediação), pois, como disse Chasin (2009, p. 89), “... conferida a natureza ontológica do pensamento marxiano, é fértil principiar esta parte derradeira por uma honesta provocação: a rigor, não há uma questão de método no pensamento marxiano”.

MÉTODO, PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E ONTOLOGIA DO SER SOCIAL:

Vygotski e Lukács e a leitura onto-histórica da subjetividade

Vanessa Furtado

Paulo Wesley Maia Pinheiro

O tom provocativo do autor lukacsiano brasileiro principia a oposição da ideia de método comumente estabelecida, pois, se por ele se compreende “... uma arrumação operativa, a priori, da subjetividade, consubstanciada por um conjunto normativo de procedimentos, ditos científicos, com os quais o investigador deve levar a cabo seu trabalho, então, não há método em Marx” (CHASIN, 2009, p. 89). Para o marxismo e, portanto, para Vygotski, o método para compreender a realidade advém dela mesma, que, por sua vez, pode ser conhecida e transformada.

PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL: UMA LEITURA ONTO-HISTÓRICA DA SUBJETIVIDADE

Para compreender tal paradigma, é preciso mergulhar nos fundamentos ontológicos de Marx apreendendo a teoria de Georgy Lukács, autor que detalhou essa dimensão e aprofundou suas determinações, apresentando uma formulação substantiva da essência histórica do ser social.

O filósofo húngaro desenvolveu arrojado arcabouço sobre o alicerce marxiano, esmiuçando o desenvolvimento do salto ontológico que evidencia a principal característica que nos faz humanos, promovendo uma formação *sui generis* sobre a relação do ser humano com a natureza e sua capacidade de criação e transformação como um ser da práxis, a partir do trabalho como categoria fundante. Carmo & Jimenez (2013, p. 630) colocam que:

Com base em nossa investigação, inferimos que o fato de Vygotsky não ter propalado de modo explícito o problema ontológico não significa que sua psicologia esteja isenta de um pressuposto de natureza ontológica. Nesse sentido, postulamos que, consoante a essa perspectiva, não hesita Vygotsky ao demarcar a essência radicalmente histórica do homem, indicando o trabalho como momento decisivo que opera a passagem do ser meramente biológico ao ser social, trazendo à luz uma nova esfera ontológica, na qual impera, igualmente, um novo tipo de atividade vital, qual seja, a atividade transformadora, porquanto livre e consciente. Estabelece, assim, em seus termos próprios, a relação fundante-fundado, entre trabalho e linguagem, concebendo, portanto, esta última categoria tão cara a suas investigações, em vinculação ontogenética com a atividade prática dos homens. Os escritos de Vygotsky atestam, ademais, que este ergueu todo seu complexo categorial sobre a possibilidade da emancipação humana, condição somente possível de forma cabal no terreno da ontologia.

A dimensão ontológica sobre a obra de Vygotski ilumina seu rigor metodológico, sua identidade política, desviando de instrumentalizações para particularismos sobre seus estudos, potencializando a construção no campo da psicologia mais do que uma perspectiva histórico-cultural, mas sim onto-histórica, compreendendo as determinações essencialmente históricas do ser social, a cultura como práxis coletiva dentro do complexo da reprodução social e a constituição

da subjetividade com base materialmente ancorada numa perspectiva distante do estruturalismo, do idealismo e da naturalização fisiológica, na qual orbitam diversas correntes teóricas.

Carmo e Jimenez (2013) debatem as aproximações entre Vygotski e Lukács em artigo fruto da tese de doutoramento de Carmo (2012). As autoras afirmam a centralidade do “trabalho” na obra de Vygotski, o que, de acordo com elas “... tal postulado seria consistente com os princípios marxistas recuperados por Lukács, com a ontologia do ser social” (CARMO & JIMENEZ, 2013, p. 621).

Em “Manuscritos de 1929”, ainda que não tenha sido um texto preparado pelo autor para publicação, Vygotski nos dá pistas de seu pensamento radicado no trabalho. Ao criticar a compreensão pavloviana sobre a constituição da personalidade.

A questão está na personalidade. Pavlov compara o sistema nervoso ao telefone, mas toda a especificidade da Psicologia do homem está em que nela, em um ser único, estão unidos o telefone e a telefonista, isto é - o aparelho e o manejo dele pelo homem. Através do mecanismo do reflexo condicionado a natureza maneja o homem, mas as ligações naturais podem condicionar quaisquer e todas as ligações possíveis da conduta, exceto a mudança da própria natureza. Nas ligações naturais não está incluída **a necessidade do trabalho e atividade do trabalho** (VYGOTSKI, 1929/2000, p.31, grifo nosso).

E de qual necessidade Vygotski fala aqui? Podemos entender esta necessidade do trabalho como em Marx quando este faz a comparação entre o trabalho humano e atividade das aranhas¹. As necessidades do trabalho são direcionadas de modo consciente para uma finalidade futura. O ser humano é capaz de controlar sua própria conduta e projetar seu comportamento para o futuro, para além do imediatamente dado.

A ação do homem, surgida durante o processo de desenvolvimento histórico-cultural do comportamento, é uma ação livre, quer dizer, independente da necessidade vigente - que capta diretamente a situação - **uma ação orientada para o futuro**. Segundo a extraordinária expressão de Engels ‘o homem mesmo tem sido criado pelo trabalho’ (K.Marx, F. Engels, Obras, t 20, pág 486), quer dizer, que o trabalho criou as funções psicológicas superiores que distinguem o homem como tal.(metodologia para análise das funções psi superiores). (VYGOTSKI, 1927/1991/ p.187, grifo nosso)

Essa é exatamente a centralidade presente na dimensão ontológica apreendida por Marx. De acordo com Lukács (2012, p. 294, grifo nosso),

A ontologia marxiana do ser social exclui a transposição simplista, materialista vulgar, das leis naturais para a sociedade, como era moda, por exemplo, na época do ‘darwinismo cultural’. As formas de objetividade do ser social se desenvolvem à medida que a práxis social surge e se explicita a partir do ser natural, tornando-

se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, todavia, é um processo dialético, que começa com um salto, **com o pôr teleológico no trabalho** para o qual não pode haver nenhuma analogia na natureza.

Compreender como fundamentais os elementos do método marxiano, constituídos para a reflexão sobre uma dada sociedade, nos permite um salto na percepção sobre a psicologia como ciência. A compreensão da construção da subjetividade sintetizou uma postura metodológica que buscou ultrapassar dicotomias entre teoria e prática, trazendo a necessidade do conhecimento profundo da realidade como premissa para transformá-la, buscando a compreensão das contradições inerentes dos processos históricos e abarcando a complexidade de estudos dos mais diversos fenômenos existentes na sociedade.

Em Marx, o ponto de partida não é dado nem pelo átomo (como nos velhos materialistas), nem pelo simples ser abstrato (como em Hegel). Aqui, no plano ontológico, não existe nada análogo. Todo existente deve ser sempre objetivo, ou seja, deve ser sempre parte (movente e movida) de um complexo concreto ... Em primeiro lugar, o ser em seu conjunto é visto como um processo histórico; em segundo, as categorias não são tidas como enunciados sobre algo que é ou que se torna, mas sim como formas moventes e movidas da própria matéria: 'formas do existir, determinações da existência' (LUKÁCS, 1978, p. 2-3).

O desenvolvimento de uma tessitura metodológica que não dissipe as determinações materiais da constituição das ideias, superando tanto a vulgarização materialista do campo imediatista e pragmático quanto o idealismo, é um dos elementos-chave do materialismo histórico e dialético, que sublinha a possibilidade de compreender a formação subjetiva em unidade com a objetividade da vida social. Por isso Mészáros (2013, p. 58) destaca o rigor do pensamento lukacsiano ao tratar da relação universal-particular-singular:

O culto direto da totalidade, a mistificação da totalidade como imediaticidade, a negação das mediações e interconexões complexas de umas com as outras só podem produzir um mito e, como provou o nazismo, um mito perigoso. O outro extremo da separação não dialética, ou seja, o culto da imediaticidade e a negação da totalidade, das interconexões objetivas entre os complexos individuais, também é perigoso e produz a desorientação, a defesa da fragmentação, a psicologia da insignificância de nossas ações, a rejeição cínica da atividade inspirada pela moral e a aceitação impotente de nossas condições, por mais inumanas que sejam. Não surpreende que Lukács rejeite os dois extremos.

Nesse sentido, a realidade não é um elemento abstrato, ontologicamente metafísico, muito menos um conjunto de experiências individualmente fragmentadas e oriundas de percepções exclusivamente subjetivas. O aprofundamento do reconhecimento do ser humano e toda sua

complexidade a partir de uma perspectiva radicalmente histórica e materialista perpassa pela categoria trabalho.

A capacidade de satisfação das necessidades pela transformação consciente da natureza, possibilitando a transformação e complexificação de sociabilidade, é um nexos central para a compreensão da relação dos indivíduos e de sua inerência social:

A mudança estrutural provocada pelo pôr teleológico no trabalho, pela relação-sujeito objeto ontologicamente nova que nesse se forma, que é chamada a vida, pelas suas consequências diretas às quais também pertence a linguagem como órgão de comunicação, recebe exatamente nesse totalidade, em sua abrangência objetiva das formas e conteúdo de todos os destinos individuais, nas inter-relações entre os processos de reprodução dos destinos e seu conjunto, a sua constituição como totalidade social, como fundamento objetivo de toda generalidade no nível do ser da sociabilidade (LUKÁCS, 2010, p. 90).

Nesse sentido, a noção de historicidade e a desnaturalização do cotidiano são postulados para superação das dimensões fenomênicas, não apenas como meros elementos explicativos. É dentro da dimensão concreta da historicidade que se pode desvendar as determinações das construções inerentes ao ser humano como ser social; os fenômenos mais complexos do presente se constituem numa processualidade dentro dos diversos complexos sociais, tal qual os limites e as possibilidades das particularidades são determinados pelo chão da história.

É com base na categoria trabalho como fundante do ser social que a formação da consciência e de outras formações psíquicas superiores — como o pensamento lógico, a vontade e a memória consciente — é compreendida.

Os estudos dos particulares dos sujeitos sociais e as peculiaridades e facetas consonantes às dimensões subjetivas que possam aparecer nos seus cotidianos não podem ser entendidos com real concretude sem essa noção de que o processo de subjetivação não se dá de forma isolada de uma ordem social — portanto, coletiva e vigente —, sendo esses sujeitos dialeticamente frutos e construtores desse processo.

Enquanto não forem desvendadas as inter-relações entre as ideologias (inclusive as mais elevadas e as mais ricas) e a ontologia do cotidiano, a saber, a elevação do modo de dirimir os conflitos a partir do cotidiano e simultaneamente o ingresso e a dissolução das ideologias nele, tanto a continuidade do desenvolvimento da humanidade como o caráter de suas crises parecerão inexplicáveis (LUKÁCS, 2013, p. 561-62).

Se por um lado a aproximação com Lukács, por meio da ontologia do ser social, ilumina o trabalho de Vygotski e nos apresenta um autor radicalmente marxista, por outro, a obra vigotskiana

nos ajuda a compreender as questões relativas à subjetividade e, mais ainda, à formação da consciência a partir da compreensão do desenvolvimento psíquico humano, das funções psicológicas superiores como fruto do salto ontológico da humanidade.

Toda atividade realizada pelo ser humano, sendo mediada — ou seja, construída partindo-se de influências mútuas e sínteses que o sujeito realiza entre sua história e a história da sociedade em que vive, do seu meio e suas habilidades internalizadas — possibilita pensar que há sempre uma reconstrução individual daquilo que primeiro se aprende em coletividade.

As visões naturalizadoras, que concebem o desenvolvimento humano como um processo maturacional linear, consequência de estruturas filogenéticas já estruturadas nas crianças ao nascer, são contrapostas pela visão da teoria histórico-cultural, a partir da noção de complexidade envolvida nas relações entre os determinantes filogenéticos, ontogenéticos e histórico-culturais.

Lev S. Vigotsky faz uma revisão crítica dos fundamentos das principais correntes da psicologia burguesa que irão influenciar a compreensão desta e de outras ciências humanas, não somente no que tange à interpretação das psicopatologias, mas também do processo de desenvolvimento humano. O autor tece sua crítica e constrói, a partir do método materialista histórico-dialético, os fundamentos para uma compreensão humana psicológica.

Com diferenças e similitudes, Vygotski e Lukács partem de uma concepção metodológica alicerçada em Marx e buscam o desvendamento da realidade, compreendendo-a como síntese de múltiplas determinações. Esse entendimento anuncia a complexa forma das determinações da formação da subjetividade humana, posto que Marx, a partir de uma longa jornada teórica de superações dialéticas, caminha para o desvendamento da estrutura da sociedade burguesa, apreendendo, criticando e superando elementos da filosofia alemã, sobretudo do idealismo hegeliano e do materialismo feuerbachiano, da construção política do socialismo francês do século XIX e da economia política inglesa, sobretudo na crítica à Adam Smith e David Ricardo.

Estudar a formação da subjetividade, tal e qual fenômenos de adoecimento e saúde mental e as suas motivações na sociabilidade contemporânea não é, e nem deve ser, uma análise com visão determinista, relacionando-a de forma direta e exclusiva com os aspectos econômicos e os processos de trabalho, mas há que se perceber a ligação desses elementos para o entendimento amplo, crítico e profundo desse fenômeno. Essas questões não são abstratas e desconexas; estão intrinsecamente ligadas ao fundamento ontológico do ser social.

Para compreender a complexidade do ser social, é preciso uma Psicologia capaz de considerar os seres humanos como seres monistas, que se constituem e se modificam a partir do

trabalho e que, por isso, também constituem e são constituídos pelo meio em que vivem. De acordo com Vygotski (1991, p. 99-100),

A psicologia dialética parte, antes de tudo, da unidade dos processos psíquicos e fisiológicos. Para a psicologia dialética a psique não é, como expressará Spinoza, algo que se faz além da natureza, um Estado dentro de outro, se não uma parte da própria natureza, ligada diretamente às funções da matéria altamente organizada do nosso cérebro.

Assim, continua o autor:

A psicologia não deve ser considerada como uma série de processos especiais que existem em algum lugar em qualidade de complementos por cima e a parte dos cerebrais, se não como expressão subjetiva desses mesmos processos, como uma faceta especial, uma característica qualitativa especial das funções superiores do cérebro (VYGOTSKI, 1991, p. 100).

Isto posto, faz-se necessário compreender, então, os fenômenos psicológicos superando visões que orbitam a anulação do fisiológico diante da prevalência do psíquico e vice-versa, ou seja, prevalecendo noções fisiologistas. Aqui não se pode falar em identidade, tampouco em relação entre os fenômenos; o que temos, neste caso, é de fato uma unidade — para Vygotski (1991, p.101), são justamente os “(...) processos psicofisiológicos singulares e únicos que constituem as formas superiores de comportamento do homem”.

Até Hoje, toda psicologia (inclusive a freudiana) sofre por conceber o seu método a partir do ser humano artificialmente insulado, isolado da sociedade capitalista e de seu modo de produção. Trata de suas peculiaridades, assim como o efeito do capitalismo, enquanto qualidades permanentes que são imanentes ao ‘homem’, que são ‘prescritas pela Natureza’. Semelhante à economia, à jurisprudência burguesa etc., fiza-se nas formas superficiais produzidas pela sociedade capitalista; não percebe que está somente aceitando as formas de sociedade capitalista e que, em consequência, não pode emancipar-se dela (LUKÁCS, 2009, p. 220).

O desenvolvimento e o aprofundamento de uma psicologia dialética e materialista, que compreenda a relação histórica possibilitam uma leitura de realidade mais complexa, uma noção de individualidade repleta de diferentes determinações, criando possibilidades para a formação de processos interventivos mais amplos.

O MÉTODO DO VYGOTSKY MARXISTA E SEU FUNDAMENTO ONTOLÓGICO

Se é fundamental pensar os significantes e significados, se é importante constituir reflexões sobre a formação da consciência, se é elementar aprofundar os estudos sobre o comportamento, se é crucial investigar as questões genéticas e fisiológicas, se é salutar dialogar sobre a influência do meio para a formação individual, tudo isso precisa ser feito compreendendo as profundas conexões estruturais, sem dualismos, naturalizações, sociocentrismo ou subjetivismos.

A radical divergência entre a concepção de método presente na teoria marxiana e os trabalhos da ciência hegemônica se traduz numa teoria social que supera as bases da estrutura do conhecimento positivista e da crítica reformista e irracionalista.

Uma dificuldade de tornar mais expressiva essa leitura vem da forma como as correntes hegemônicas compreendem a questão do método e da teoria. Enquanto para o marxismo essa é uma dimensão de unidade, para parte expressiva de outras perspectivas teóricas o primeiro precede a segunda, ficando a crítica ao formato também circunscrita às tendências espontaneísta ou subjetivistas, que acabam por dissolver o debate, e não superá-lo.

Enquanto há autores que consideram Vygotski um “metodólogo” podemos encontrar nos textos do próprio rechaçamento desta ideia quando, por exemplo, ao concordar com Espinosa na crítica a *O Discurso do Método* cartesiano, afirma que Descartes “constrói um império dentro de um império” e vai, *ad infinitum*, construindo métodos para analisar o melhor método de análise da realidade, ou seja, nunca se chega a analisar a própria realidade. (VYGOTSKI, 1991).

Nesse sentido, Vygotski (1991, p. 286) entende que metodologia é parte do método, ou dele derivado, e escreve:

Recorrendo a uma comparação ao âmbito industrial, o processo metodológico equivaleria, por sua natureza, a elaboração do meio de produção. Mas na indústria, a elaboração dos meios de produção não constitui um processo inicial especial, se não uma parte do processo de produção e depende dos mesmo processos e instrumentos de produção que o resto da produção.

Mais à frente, o autor demonstra que, quando se tem por base para análise teórica do conhecimento a lógica dialética e o materialismo para o conhecimento da realidade, percebemos como a preconcepção de procedimentos metodológicos se revela insuficiente para a construção de uma teoria da realidade observada. Por isso, Vygotski (1991, p. 289) afirma:

Este novo enfoque [materialista histórico e dialético] nos leva a que a realidade determina nossa experiência, que a realidade determina o objeto da ciência e seu método que é totalmente impossível estudar os conceitos

de qualquer ciência prescindindo da realidade representada por estes conceitos. F. Engels assinala repetidas vezes que para a lógica dialética a metodologia da ciência é o reflexo da metodologia da realidade.

O que podemos notar de evidente em sua obra é o rigor com o qual o autor buscava pensar os procedimentos metodológicos da Psicologia enraizados no método materialista histórico e dialético. Por óbvio que não se encontrará, nos textos de Vygotski, um debate sobre a categoria mercadoria, por exemplo, mas para qualquer debate marxista sério esta é uma questão tão primária quanto fruto da herança burguesa, positivista, no modelo de se pensar e fazer ciência.

Encontra-se, nos textos de Vygotski, uma forma de se analisar a Ciência Psicológica calcada nas análises históricas e sociais do desenvolvimento da própria ciência, é nisso em que reside a radicalidade marxista do trabalho deste autor. Dito de outro modo, assim como Marx, Vygotski não deixou um manual de aplicação do método. As categorias, os caminhos e os instrumentos de pesquisa são dados pela própria realidade e não estão na descrição de uma fórmula.

Em última instância, percebe-se, em Vygotski e Marx, uma profunda crítica ao positivismo na ciência e à própria forma de se compreendê-la, uma vez que seus procedimentos metodológicos não podem ser replicados infinitas vezes encontrando sempre o mesmo resultado porque eles compreendiam seu objeto de estudo como algo que deve ser interpretado dentro de uma universalidade, mas respeitando suas particularidades.

É este o caminho da lógica dialética, a expressão da universalidade na singularidade, mas mediada pela particularidade. E esta particularidade não deve ser simplesmente descartada pois dela se retira elementos importantes para construir, pensar a singularidade e perceber/analisar esta singularidade como algo que está sempre em movimento e transformação.

Quando Vygotski fala da necessidade de uma Ciência Psicológica Geral, ele diz isso nestes termos, da importância de análises particulares de objetos singulares que componham e expressem a ciência geral. No caso da Psicologia, se seu objeto de análise é o ser humano e a formação da sua consciência, portanto da análise do ser humano singular, compreendido como um ser que expressa a genericidade humana que é mediada pela particularidade das condições de vida.

Os autores da tradição marxista realizam suas formulações sobre o método de modo muito diverso. Entre polêmicas, rebaixamentos instrumentais e abstrações teóricas, há uma síntese que sobrevive e se revitaliza por meio das particularidades dos objetos de análise, da dinamicidade da própria realidade e da posição dos sujeitos que pesquisam. É preciso pensar as diferentes formas de materializar o método desenvolvido e expresso na teoria marxiana a partir de tripla dimensão, indissociável: ontológica, reflexiva e procedimental.

MÉTODO, PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E ONTOLOGIA DO SER SOCIAL:

Vygotski e Lukács e a leitura onto-histórica da subjetividade

Vanessa Furtado

Paulo Wesley Maia Pinheiro

Nessa esteira, a dimensão genético-experimental de Vygotski, então, é a mais imediata dessa unidade. Não é menos importante; ao contrário, deriva de uma base ontológica que almeja conhecer a realidade como ela é e consubstancia uma mediação de instrumentos e técnicas para o processo reflexivo das determinações do real, mas é, ainda assim e por isso mesmo, um dado particular do método, circunscrito aos procedimentos metodológicos. Nesse sentido, Lukács (2012, p. 303) afirma:

No âmbito do ser social, porém, o processo genético é um processo teleológico. Disso resulta que seu produto assume a forma fenomênica do produto acabado e definido, fazendo desaparecer a própria gênese em nível imediato tão somente quando o resultado corresponde à finalidade, em outras palavras, é precisamente o seu caráter inacabado que impõe uma referência direta ao processo genético.

O método em si se expressa nessas formulações, mas é, antes de tudo, a compreensão mais ampla que sintetiza um conjunto presente numa lente materialista, de perspectiva historicamente determinada, que busca a dimensão da totalidade e sua unidade com os processos mais singulares do seu estudo particular.

Em primeiro lugar, é preciso compreender que o caminho, cognoscitivamente necessário, que vai dos “elementos” obtidos pela abstração até o conhecimento da totalidade concreta é tão somente o caminho do conhecimento, e não o da própria realidade. Este último, ao contrário, é feito de interações reais e concretas entre esses “elementos”, dentro do contexto da atuação ativa ou passiva da totalidade graduada. Disso resulta que uma mudança da totalidade (inclusive das totalidades parciais que a formam) só é possível trazendo à tona a gênese real (LUKÁCS, 2012, p. 313).

O materialismo histórico-dialético nem pode ser encarado como um conjunto de regras e passos metodológicos do modo positivista/funcionalista, nem um bojo espontaneísta envolto de proselitismos, como encanta o esfarelamento pós-moderno.

Para o método construído e derivado da teoria marxiana, a lógica do objeto de estudo determina a construção da teoria, construção no campo das ideias das determinações da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dimensões do materialismo histórico e dialético na obra de Vygotski superam a busca de um conjunto de regras, técnicas de coletas de dados e procedimentos utilizados revelando, assim, o potencial ontológico de sua compreensão sobre a formação subjetiva e da individuação humana.

A negação dos fundamentos marxistas, seja por questões ideológicas, seja fruto dos anos de vulgarização teórica, é, acima de tudo, o rebaixamento do autor e de sua teoria para recortes apenas do campo imediato e de objetos particulares, perdendo sua perspectiva revolucionária.

É preciso não obscurecer sua vinculação de estudo com a necessidade de transformação radical da sociabilidade, passando pelas determinações materiais, inclusive a economia, mas tendo seu estudo focado nas questões da psicologia, da subjetividade, dos processos individuais e nos mais diversos elementos e problemas daí derivados.

A formulação lukacsiana que revela uma ontologia desnaturalizada, sem romper a base material da natureza, mas protagonizando a essência humana na capacidade de complexificar a relação com a mesma, distanciando de suas barreiras, transformando o meio, a si mesmo e as relações por sua capacidade coletiva de satisfazer necessidades imediatas a partir da capacidade teleológica, realizando prévia-ideação, lidando com as causalidades e materializando formas de intervir, criando o novo, ampliando as possibilidades, inclusive de novas necessidades, é base para o entendimento da possibilidade de fazer história, de complexificação para o desenvolvimento da noção de indivíduo, da formação subjetiva.

O caminho de ida e de volta, numa perspectiva dialética, a lente crítica que busca partir dos fenômenos em busca de uma essência não natural, nem sobrenatural, tampouco estática ou fixa, mas historicamente construída nas relações sociais materialmente ancoradas por sujeitos individuais e coletivos na sua relação com a natureza e a sociedade, é um princípio que amplia a concepção de método.

Não é por acaso que esses fundamentos foram duramente invisibilizados ao longo do último século, especialmente na compreensão dos procedimentos metodológicos genético-experimentais na obra vygotskiana. O apagamento do marxismo, seja explícito, seja por via de uma suavização para recortar apenas o método ou plastificá-lo academicamente nas gavetas isoladas das especialidades científicas, seja por desconhecimento ou discordância ontológica.

Tal fenômeno ocorre com diversos autores e confirmam uma tentativa de afastar a vinculação irremediável desses sujeitos da compreensão da realidade, do seu objeto de estudo e das suas formulações científicas com uma teoria social que vise ir à raiz da forma de sociabilidade vigente para superá-la.

Olhar os fundamentos da psicologia histórico-cultural de Vygotski pela lente da construção da ontologia do ser social de Lukács revela as determinações mais rigorosas do método marxiano e da tradição marxista, que busca compreender as determinações entre sujeito e objeto para além de questões epistemológicas, aprofundando a dimensão ontológica na tessitura dialética entre

MÉTODO, PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E ONTOLOGIA DO SER SOCIAL:

Vygotski e Lukács e a leitura onto-histórica da subjetividade

Vanessa Furtado

Paulo Wesley Maia Pinheiro

objetividade e subjetividade, no desvendamento das determinações, por uma perspectiva de totalidade que busca as mediações entre universalidade-particularidade-singularidade.

REFERÊNCIAS

CHASIN, José. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009, página citada 89.

CARMO, Francisca Maurilene do; JIMENEZ, Susana Vasconcelos. Em busca das bases ontológicas da psicologia de Vygotsky. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 18, n. 4, p. 621-631, Dec, 2013, páginas citadas 621 e 630. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000400005&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Feb. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000400005>.

FITTIPALDI, Cláudia Bertoni. A influência que as ideias marxistas exerceram sobre Vygotsky. **Revista da Educação**. I (1): 74-78, 2006. Disponível em <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelohorizonte3&page=article&op=view&path%5B%5D=3327&path%5B%5D=2137>.

LUKÁCS, Georg. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Temas de Ciências Humanas, tradução de Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n. 4, p. 1-18, 1978, páginas citadas 2-3.

LUKÁCS, Georg. A psicologia das massas em Freud. **Psicanálise & Barroco em revista**, 7(1): 219-224, 2009, pág. citada 220. Disponível em: www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/article/view/8815

LUKÁCS, Georg. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010, pág. citada 90.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012, páginas citadas 294 e 303.

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013, páginas citadas 561-562.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**: Livro I: o processo de produção do capital; São Paulo: Boitempo, 2013, páginas citadas 255-256.

MÉSZÁROS, I. **O conceito de dialética em Lukács**. São Paulo: Boitempo, 2013, página citada 58.

PAES, Paulo Duarte Vygotski e os fundamentos de uma psicologia marxista. **Cadernos Cemarx**, (3), 2006. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10876>

PRESTES, Zóia Ribeiro **Quando não é Quase a Mesma Coisa: Análise de Traduções de Lev Semionovitch Vygotski no Brasil: repercussões no Campo Educacional**. 2010. 295 p, Tese Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2010.

ROMANELLI, Nancy. A questão metodológica na produção vigotskiana e a dialética marxista. **Psicologia em Estudo**, Maringá, 16(2), 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v16n2/a03v16n2.pdf>

MÉTODO, PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E ONTOLOGIA DO SER SOCIAL:

Vygotski e Lukács e a leitura onto-histórica da subjetividade

Vanessa Furtado

Paulo Wesley Maia Pinheiro

SANTA, Fernando. Dala &, BARONI, Vivian As raízes marxistas do pensamento de Vigotski: contribuições teóricas para a psicologia histórico-cultural. **Kínesis**, 6(12), 2014, página citada 02. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/1_fernando evivian.pdf

VYGOTSKI, Liev Semionovich **Obras Escogidas - I El significado histórico de la crisis de la Psicología**. Madrid: Machado Libros, 1991, páginas citadas 187, 99, 100, 101, 286, 289.

VYGOTSKI, Liev Semionovich **Obras Escogidas - VI Herencia genética**. Madrid: Machado Libros, 1983.